

O Dia
O Ec/SP } 3.12.62

BERLIM: O MURO

E STAMOS em Berlim em um momento em que os jornais do mundo inteiro falam de Berlim. Este é o ponto mais crítico de fricção entre as grandes potências que dividem o mundo — que podem acabar com o mundo. ~~E na verdade não vemos nada.~~

Fico esperando Guimarães Rosa e Magalhães Júnior, que entraram em uma grande loja para fazer compras. Estou de pé, em uma calçada de Kurfurstendamm, e ao meu lado um homem alto e gordo vende pãezinhos quentes de cominho. É um homem alegre, e seu negócio marcha bem. A todo momento um transeunte se detém para comprar pães. Depois que ele paga e vai embora o vendedor se volta para mim e faz um comentário. Ele mesmo ri do que diz; e eu sorrio. Ele não desconfia de que não estou entendendo nada. Afinal vende todos os pães e se retira, depois de grandes despedidas cordiais.

A multidão que entra e sai da loja e desfila pela calçada é bem vestida. Gente alta, quase sempre loura. As môças, que são muitas, me parecem mais altas que as mulheres de idade; têm quase sempre longas pernas, raramente bem torneadas. E olhos azuis. Alguns, à força de se repetirem com a mesma tonalidade, são vulgares; mas de repente passa uma mulher de seus trinta anos que tem os olhos de um azul precioso, antigo, pessoal, como quem leva na rua uma jóia de família.

Gente se encontra para entrar na grande loja, gente sai incessantemente carregada de embrulhos. Aqui, no coração da cidade que é um nervo doloroso do mundo, o que se sente é apenas a agitação civil dos centros ricos, a pressa do conforto e a caça do acessório e do luxo, o afã das compras e dos encontros, o doce

burburinho da paz e do comércio farto.

Mas há o muro — **die mauer**. Vimos o muro. Dizem que tem 44 quilômetros, mas ao esbarrar com ele vemos apenas cem ou duzentos metros — é irregular, tortuoso, às vezes mesmo um simples muro improvisado de tijolões de cimento empilhado às pressas e mal unidos, com rolos de arame farpado no alto — às vezes cavalga um muro antigo de tijolos, às vezes aproveita as fachadas de velhas casas. E esses casarões de janelas e portas vedadas com tijolos são mais sinistros que o próprio muro — é como se fôssem bôcas amordaçadas, entupidas, olhos mais que tapados, tampados — fachadas tétricas, densas de negação humana.

Esse muro é o próprio símbolo da divisão do mundo, neste momento. É certo que em continuação a ele, envolvendo Berlim, separando duas Alemanhas e duas humanidades, há rolos altos de arame farpado, defesas eletrificadas, fossos, faixas de minas, soldados de armas embaladas. E para trás, até centenas, até milhares de quilômetros para trás, há aeroportos, aviões cruzando o céu dia e noite peçados de máquinas de morte, canhões apontando para leste ou para oeste, silenciosos, mas prestes a troar, plataformas de onde a morte de milhões pode partir a cada instante em um foguete sinistro, para a grande festa pirotécnica da destruição final. Mas o muro, esse pequeno muro mal construído, mal argamassado, cinzento e feio, já com o ar envelhecido que tomam precocemente as coisas precárias — este é bem o símbolo de toda a divisão, porque trunca o organismo vivo de uma cidade, corta ruas, veda esquinas, obstrui avenidas, é o muro da incompreensão dividindo ao meio a Cidade dos Homens. //

Setembro, 1962.

M.548 20-10-62

92